



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 7, N. 1, fevereiro/2026 #58



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 7, N. 1, fevereiro/2026 #58

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 58ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Francisco Arruda Aguiar Filho, egresso da Universidade de Fortaleza, intitulado “**Decomposição de Choques Macroeconômicos no Brasil: Uma Análise SVAR com Identificação Blanchard-Quah para o Período 1996-2025**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

Decomposição de Choques Macroeconômicos no Brasil: Uma Análise SVAR com Identificação Blanchard-Quah para o Período 1996-2025

Francisco Arruda Aguiar Filho*

O presente texto de opinião investiga a decomposição das flutuações macroeconômicas brasileiras em componentes de oferta e demanda, utilizando a metodologia de Vetores Autorregressivos Estruturais (SVAR) com identificação Blanchard-Quah (BQ). O conceito geral da abordagem BQ (1989, *The American Economic Review*, p. 655-673) propõe interpretar flutuações no produto e desemprego como decorrentes de dois tipos de distúrbios: distúrbios que têm efeito permanente na produção (choques de oferta) e distúrbios que não têm (choques de demanda). Esta distinção operacionaliza empiricamente o princípio da neutralidade monetária de longo prazo, permitindo separar ciclos de negócios de tendências de crescimento.

A aplicação desta metodologia ao Brasil fundamenta-se em evidências internacionais consolidadas. Estudos para economias desenvolvidas, como King et al. (1991) e Galí (1992), demonstram que choques de oferta explicam tipicamente 80-90% das flutuações do PIB no longo prazo. Para economias emergentes, pesquisas de Issler e Vahid (2001) e Ellery Jr. (2009) indicam proporções entre 60-75% para o Brasil no período pós-estabilização. O presente estudo atualiza essa análise para o período 1996-2025, avaliando a robustez dessas relações estruturais sob o regime de metas de inflação.

A análise das Funções de Impulso-Resposta (IRF) (Figura 1) revela padrões distintos de estabilização entre curto e longo prazo. No curto prazo (primeiros 4 trimestres), observa-se volatilidade significativa: o PIB responde imediatamente a choques de oferta com impacto inicial de 0,80 unidades, enquanto o IPCA reage com queda de 0,12 unidades (efeito desinflacionário). O momento de baixa ocorre entre o 2º e 4º trimestres pós-choque, quando a resposta do PIB ao choque de demanda atinge seu pico transitório antes de dissipar-se.

No longo prazo (após 12-16 trimestres), o sistema estabiliza em platô permanente, com o PIB convergindo para novo patamar superior após choque de oferta (efeito permanente de 5,67 unidades), enquanto a resposta acumulada ao choque de demanda retorna a zero, validando a restrição de neutralidade monetária. Para o IPCA, ambos os choques geram efeitos permanentes sobre o nível de preços, com choque de demanda elevando preços em 6,52 unidades de forma sustentada.

A Decomposição da Variância do Erro de Previsão (FEVD) quantifica a importância relativa dos choques. Para o PIB, choques de oferta explicam aproximadamente 75% das flutuações no longo prazo, com participação superior a 95% em alguns horizontes da FEVD. Isto indica que o crescimento econômico brasileiro é dirigido primordialmente por fatores estruturais e de produtividade. Para o IPCA, choques de demanda explicam quase 98% da variância no curto prazo (períodos 1-4), mantendo dominância acima de 90% no longo prazo, sugerindo que a inflação brasileira comporta-se como fenômeno predominantemente monetário e inercial.

Os resultados possuem implicações diretas para estimação do PIB potencial. Conforme Solow (1956) e Romer (1990), choques permanentes de oferta correspondem empiricamente ao progresso tecnológico e ganhos de produtividade que determinam a trajetória de crescimento potencial. A predominância de choques de oferta (75%) sugere que estratégias sustentáveis devem priorizar reformas estruturais em inovação, infraestrutura e capital humano, alinhando-se às teorias de crescimento endógeno. Além disso, os resultados também confirmam a aplicabilidade da metodologia Blanchard-Quah ao contexto brasileiro recente. A economia nacional exhibe padrões estruturais consistentes com a teoria macroeconômica moderna e evidências de economias emergentes estáveis: o lado real é determinado pela capacidade produtiva (oferta), e o lado nominal é determinado por distúrbios de demanda. Estas evidências fornecem respaldo empírico para decisões de política econômica que distingam claramente entre instrumentos de curto prazo (gestão de ciclos) e longo prazo (crescimento potencial), conforme recomendado por Blanchard (2009) e Romer (2012).

Os achados também indicam que tentativas de estimular crescimento via expansão de demanda mostram-se ineficazes no longo prazo, dissipando-se principalmente em pressões inflacionárias. Isto valida as recomendações de Friedman (1968) e Lucas (1972) sobre os limites da política monetária para

* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

alterar permanentemente o nível de atividade real. A coordenação entre políticas monetária e fiscal torna-se essencial: enquanto a autoridade monetária gerencia demanda para ancorar preços, políticas estruturais devem atuar na oferta para promover crescimento.

Figura 1 – Função Impulso Resposta (IRF) e IRF Acumulada

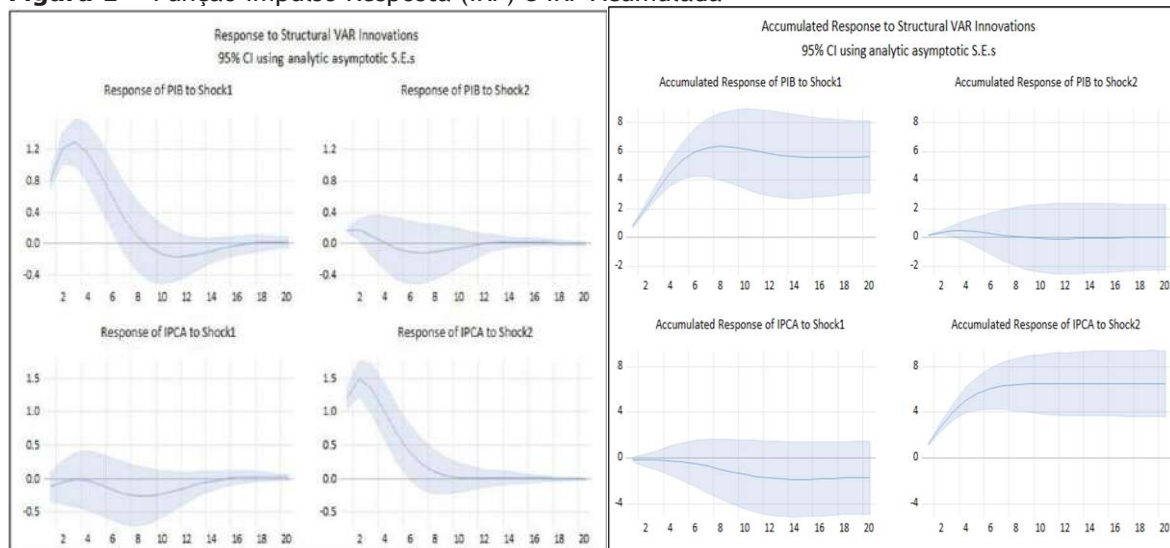


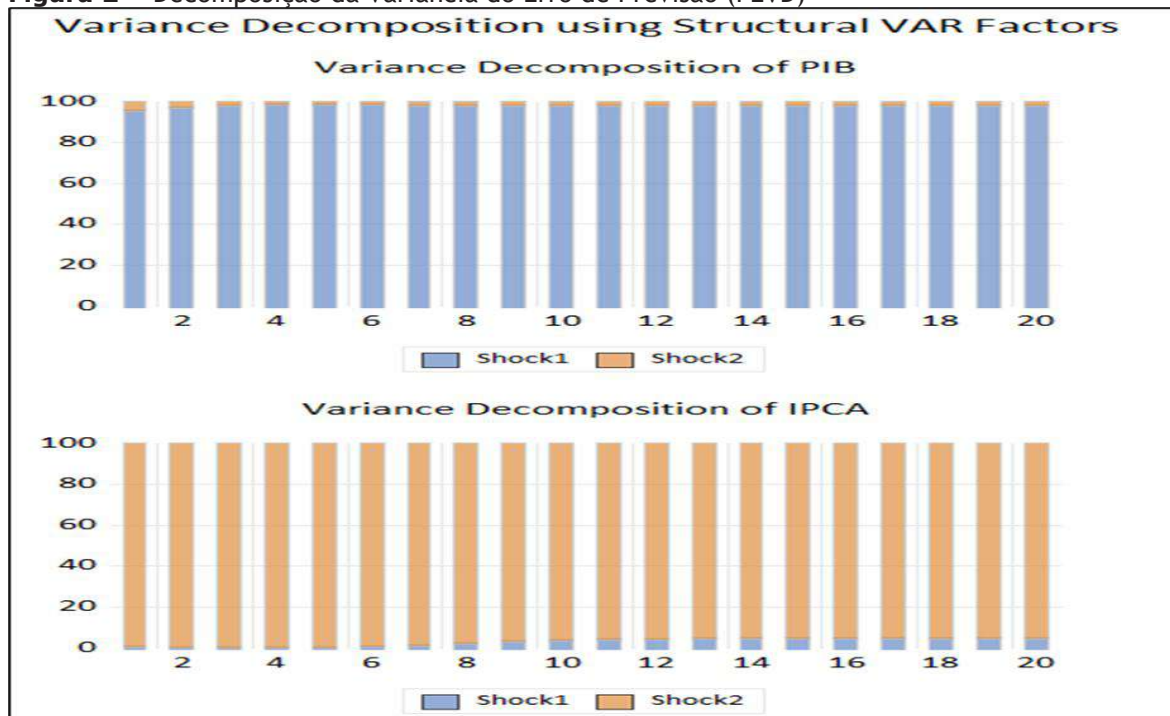
Figura 1A – FIR

Figura 1B – FIR Acumulada

Nota: Choque 1: Choque de Oferta e Choque 2: Choque de Demanda.

Fonte: Elaboração própria a partir do Software Eviews 13.

Figura 2 – Decomposição da Variância do Erro de Previsão (FEVD)



Nota: Choque 1: Choque de Oferta e Choque 2: Choque de Demanda.

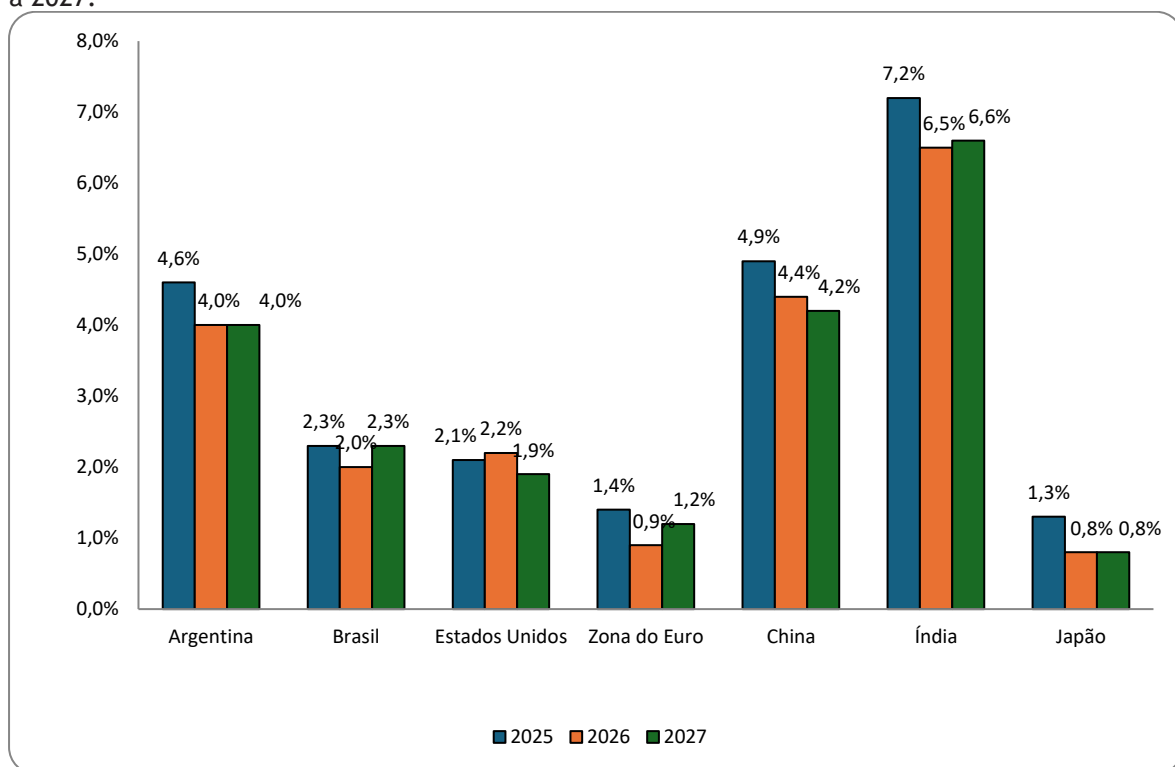
Fonte: Elaboração própria a partir do Software Eviews 13.

PANORAMA INTERNACIONAL

A economia internacional apresenta um cenário de crescimento moderado para o triênio 2025-2027, marcado por incertezas geopolíticas, condições financeiras restritivas em diversas regiões e uma clara divergência de desempenho entre economias desenvolvidas e emergentes.

Conforme dados do Banco Mundial, entre as economias desenvolvidas, os Estados Unidos mantêm crescimento relativamente estável, com projeção de 2,1% em 2025 e 2,2% em 2026, sustentado pela resiliência do consumo interno e pela solidez do mercado de trabalho. Na Zona do Euro, a expansão permanece mais contida, estimada em 1,4% para 2025 e 0,9% para 2026, refletindo os efeitos prolongados das políticas monetárias restritivas adotadas para conter a inflação e o ritmo ainda lento de recuperação do investimento na região. O Japão também apresenta expansão limitada, com projeção de 1,3% em 2025 e 0,8% em 2026, influenciado por fatores estruturais como o envelhecimento populacional e o crescimento moderado da produtividade.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2025 a 2027.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em março/2026.

Entre as economias emergentes, observa-se maior dinamismo. A Índia consolida-se como a economia de maior crescimento entre as selecionadas, com crescimento econômico de 7,2% em 2025, e estimativa para 6,5% em 2026, conforme aponta o Banco Mundial, desempenho sustentado pela robustez do mercado interno e pelos investimentos em infraestrutura e tecnologia. A China mantém taxas de crescimento relativamente elevadas, embora em trajetória gradual de desaceleração - 4,9% em 2025 e 4,4% em 2026 -, associada a desafios estruturais no setor imobiliário e à transição para um modelo econômico mais centrado no consumo doméstico.

Na América Latina, o crescimento permanece mais moderado. De acordo com o Banco Mundial, a Argentina apresentou crescimento de 4,6% em 2025 e expectativa de 4,0% em 2026, associadas à expectativa de recuperação após um período recente de forte retração da atividade. O Brasil registrou crescimento de 2,3% em 2025, com expectativa de leve desaceleração para 2,0% em 2026, refletindo os efeitos dos juros elevados e um ritmo mais gradual de expansão do consumo e do investimento. Embora inferior à média dos grandes emergentes asiáticos, esse índice posiciona o país em patamar de

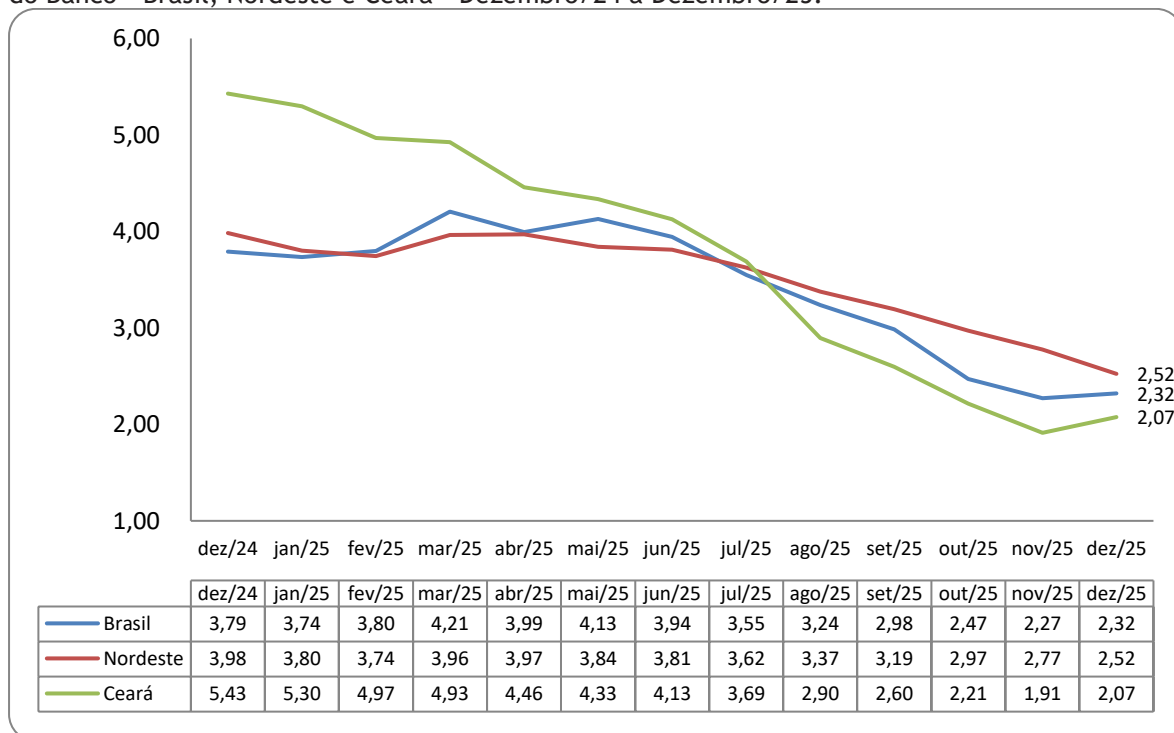
resiliência frente às economias desenvolvidas.

De forma geral, o cenário internacional para 2026 é de cautela. A dependência do crescimento global em relação à Ásia - notadamente Índia e China - torna a economia mundial sensível a alterações geopolíticas ou de demanda nesses mercados. Para as economias desenvolvidas, o desafio permanece em evitar a estagnação prolongada, enquanto para o Brasil e demais emergentes latino-americanos o cenário demanda reformas que aumentem a competitividade sistêmica para acompanhar o ritmo dos pares emergentes.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O acompanhamento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), indicador frequentemente utilizado como aproximação do comportamento do Produto Interno Bruto (PIB), permite observar a dinâmica recente da atividade econômica no Brasil, no Nordeste e no Ceará. A análise das três séries revela que, embora o final de 2024 tenha sido marcado por um período de crescimento robusto, o ano de 2025 registrou um processo contínuo de desaceleração da atividade econômica.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Dezembro/24 a Dezembro/25.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Em dezembro de 2024, os índices acumulados de 12 meses atingiram 3,79% no Brasil, 3,98% no Nordeste e 5,43% no Ceará. Durante os primeiros meses de 2025, a atividade econômica ainda manteve ritmo positivo. Em março de 2025, o indicador nacional chegou a 4,21%, enquanto o Nordeste registrou 3,96% e o Ceará 4,93%, demonstrando desempenho relativamente robusto da economia regional.

A partir do segundo trimestre de 2025, contudo, observa-se uma trajetória de desaceleração gradual. Em junho de 2025, o crescimento acumulado recuou para 3,94% no Brasil, 3,81% no Nordeste e 4,13% no Ceará, indicando perda de dinamismo em comparação aos meses anteriores. Esse movimento de moderação tornou-se mais evidente no segundo semestre: em setembro de 2025, os índices recuaram para 2,98% no Brasil, 3,19% no Nordeste e 2,60% no Ceará.

A desaceleração continuou até o encerramento do período analisado. Em novembro de 2025, os resultados atingiram 2,27% no Brasil, 2,77% no Nordeste e 1,91% no Ceará. No fechamento de dezembro

de 2025, os indicadores apresentaram 2,32% no Brasil, 2,52% no Nordeste e 2,07% no Ceará. Apesar do recuo em relação ao início da série, os dados ainda indicam crescimento econômico positivo, embora em ritmo significativamente mais moderado.

De maneira geral, os resultados sugerem um processo de acomodação da atividade econômica ao longo de 2025, influenciado por fatores como a moderação do consumo, condições financeiras mais restritivas e menor dinamismo em alguns setores produtivos. Ainda assim, a economia manteve expansão, ainda que em intensidade inferior à observada no final de 2024.

O Setor Agrícola

O setor agrícola possui grande relevância para a economia brasileira, sobretudo em regiões onde a produção rural desempenha papel central na geração de renda, emprego e abastecimento alimentar. A comparação entre as safras 2024/25 e 2025/26 revela dinâmicas distintas entre as escalas geográficas analisadas.

No Brasil, na safra de 2025/26, quando comparada com a safra 2024/25, a área destinada ao cultivo de grãos apresentou aumento de 1,9%, passando de 81,7 milhões de hectares para 83,3 milhões de hectares. Contudo, a produtividade média registrou queda de 1,5%, o que limitou o avanço da produção total, que cresceu apenas 0,3%, atingindo aproximadamente 353,4 milhões de toneladas na safra 2025/26. Esse resultado indica que, embora haja expansão da fronteira agrícola, os ganhos de produção passaram a depender mais intensamente de fatores como condições climáticas, uso de tecnologias agrícolas e eficiência produtiva.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2024/25 e 2025/26 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Ceará	938,7	935,5	-0,3	379,0	620,0	63,4	356,1	579,8	62,8
Nordeste	10.041,6	10.295,4	2,5	3.128,0	3.113,0	-0,5	31.411,5	32.049,7	2,0
Brasil	81.734,8	83.257,9	1,9	4.310,0	4.244,0	-1,5	352.258,9	353.375,9	0,3

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em fevereiro de 2026.

No Nordeste, observa-se dinâmica semelhante, com expansão da área plantada de 2,5% e ligeira diminuição da produtividade de 0,5%, na safra de 2025/26, quando comparada com a safra 2024/25. O resultado combinado foi um crescimento de 2,0% na produção regional, totalizando cerca de 32 mil toneladas, indicando avanço moderado da atividade agrícola na região. A agricultura nordestina, entretanto, ainda enfrenta desafios relacionados à irregularidade das chuvas e às limitações de infraestrutura produtiva, que condicionam a capacidade de expansão sustentada.

O Ceará, por sua vez, apresentou comportamento expressivamente distinto das demais escalas geográficas. A área cultivada cearense, na safra de 2025/26, quando comparada com a safra 2024/25, sofreu leve redução de 0,3%, porém a produtividade registrou um avanço de 63,4%, resultando em crescimento de 62,8% na produção total do estado, que atingiu 579,8 mil toneladas. Esse desempenho pode estar associado à recuperação de safras após períodos de estiagem, à adoção de melhorias tecnológicas e a condições climáticas mais favoráveis no período analisado.

Em síntese, os dados apontam para um cenário positivo para o agronegócio brasileiro na safra analisada, com expansão da produção e ganhos de eficiência em diferentes regiões, ainda que com variações significativas de desempenho entre os estados. O crescimento expressivo do Ceará destaca a importância de fatores como clima, políticas públicas, investimento produtivo e organização da atividade agrícola para o dinamismo do setor.

O Setor da Indústria

No acumulado do ano até dezembro de 2025, a indústria brasileira apresentou crescimento modesto de 0,6% na indústria geral, consolidando um cenário de recuperação lenta e desigual. O avanço foi impulsionado majoritariamente pelas indústrias extrativas, que registraram robusto desempenho de 4,9%, contrastando com a retração de 0,2% na indústria de transformação, setor de maior valor agregado e diversificação produtiva.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até dezembro de 2025 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	-0,2	-1,0	-0,7
Produtos alimentícios	1,5	-0,5	5,7
Bebidas	-2,6	-3,8	-7,6
Produtos do fumo	8,6	-	-
Produtos têxteis	5,5	-7,9	-12,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,4	-1,9	-8,0
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-2,0	-5,3	1,2
Produtos de madeira	-6,0	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	0,4	0,8	-
Impressão e reprodução de gravações	-7,0	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-5,3	0,2	-6,0
Outros produtos químicos	0,8	-5,1	23,0
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	2,2	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	1,4	1,3	-
Produtos de minerais não-metálicos	-0,2	2,4	0,0
Metalurgia	1,6	-2,3	22,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-2,2	-9,6	0,4
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-3,1	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-1,3	-7,5	-34,2
Máquinas e equipamentos	4,8	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	0,0	6,9	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	2,4	-	-
Móveis	-1,2	-	-
Produtos diversos	0,9	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	9,6	-	-
Indústrias extrativas	4,9	4,7	-
Indústria geral	0,6	-0,8	-0,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a dezembro/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Dentro da indústria de transformação, alguns segmentos registraram desempenho positivo expressivo, com destaque para manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (+4,8%), produtos do fumo (+8,6%) e produtos têxteis (+5,5%). Em contrapartida, os segmentos de

impressão e reprodução de gravações (-7,0%), produtos de madeira (-6,0%) e coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,3%) registraram as maiores quedas, sinalizando dificuldades estruturais e setoriais persistentes.

A região Nordeste apresentou cenário mais desafiador, com retração de 0,8% na indústria geral e de 1,0% na indústria de transformação. Apesar desse quadro, as indústrias extrativas da região se destacaram positivamente, com crescimento de 4,7%. Entre os segmentos da transformação com maior queda no Nordeste, destacam-se produtos de metal (-9,6%), produtos têxteis (-7,9%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-7,5%). Em contrapartida, veículos automotores, reboques e carrocerias (+6,9%) evidenciam a presença de polos industriais específicos que contribuem para sustentar parte da atividade manufatureira regional.

O Ceará apresentou retração de 0,7% na indústria de transformação, alinhada com o cenário nacional e regional. O estado, contudo, revelou heterogeneidade acentuada: produtos químicos registraram crescimento de 23,0%, seguidos pela metalurgia com 22,1% e produtos alimentícios com 5,7%. Em contrapartida, máquinas, aparelhos e materiais elétricos acumularam queda expressiva de 34,2%, e produtos têxteis (-12,1%) e bebidas (-7,6%) também contribuíram negativamente para o resultado geral.

De modo geral, os resultados indicam que a atividade industrial brasileira em 2025 avançou de forma moderada e desigual entre segmentos e regiões. A persistência de quedas em setores-chave do Ceará e Nordeste, como máquinas e equipamentos elétricos e têxteis, indica que as vulnerabilidades estruturais, menor base tecnológica, dependência de insumos externos, gargalos logísticos e baixa diversificação, ainda são preponderantes.

A performance observada no desempenho industrial cearense, com poucos setores puxando o crescimento e outros em forte retração, resulta em uma estagnação no índice geral da indústria. Este cenário exige uma revisão crítica das políticas industriais vigentes. É imperativo focar em estratégias que visem não apenas à modernização tecnológica e à inovação, mas também à diversificação produtiva para mitigar a dependência de poucos setores e fortalecer a resiliência regional. Adicionalmente, sem condições macroeconômicas mais favoráveis e estratégias regionais consistentes e de longo prazo, a recuperação plena do setor industrial continuará a ser um desafio significativo.

O Setor de Serviços

Entre janeiro e dezembro de 2025, o setor de serviços no Brasil registrou expansão de 2,8% no volume acumulado. Esse avanço foi impulsionado, principalmente, pelos serviços de informação e comunicação, que cresceram 5,5%, com destaque para a tecnologia da informação, que apresentou alta de 12,2%. Também contribuíram positivamente os serviços profissionais, administrativos e complementares (+2,6%), os transportes (+2,3%) e os serviços prestados às famílias (+1,1%). Por outro lado, o grupo de outros serviços apresentou retração de 2,3%, o que limitou um avanço mais expressivo do setor no cenário nacional. Os serviços de alojamento e alimentação (+1,6%) e o transporte aéreo consolidaram a recuperação de segmentos intensivos em turismo e mobilidade.

No recorte estadual, o Ceará apresentou desempenho superior à média nacional, com crescimento de 3,0% no acumulado do ano de 2025. Esse resultado foi impulsionado, sobretudo, pela expressiva expansão dos serviços de transportes e atividades auxiliares (+6,8%) e pelo avanço de outros serviços (+19,6%). Também contribuíram positivamente os serviços prestados às famílias (+2,4%) e os serviços de informação e comunicação (+1,9%), indicando maior dinamismo em atividades ligadas ao consumo, à mobilidade e à tecnologia. Contudo, a queda de 3,7% nos serviços profissionais e administrativos evidencia fragilidades estruturais que limitam a diversificação da economia local.

Em Pernambuco, o setor de serviços apresentou ligeiro avanço de 0,3%, com crescimento nos transportes (+2,1%) parcialmente anulado pela retração nos serviços prestados às famílias (-1,2%) e nos serviços profissionais e administrativos (-2,0%). Já a Bahia registrou o pior desempenho entre os estados analisados do Nordeste, com queda de 1,1% no volume de serviços acumulado no período. Apesar de pontos positivos, como o crescimento de outros serviços (+5,7%) e dos serviços profissionais e administrativos (+3,0%), setores relevantes para a economia estadual registraram retrações, como transportes (-3,7%) e serviços prestados às famílias (-2,2%), impactando negativamente o resultado agregado.

O conjunto desses indicadores evidencia não apenas as diferenças regionais, mas também a complexidade do setor de serviços no Brasil, que avança de forma desigual. Os dados revelam oportunidades de consolidação em algumas áreas, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de adaptação e fortalecimento das economias estaduais.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até dezembro de 2025⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,1	2,4	-1,2	-2,2
Serviços de alojamento e alimentação	1,6			
Alojamento	2,3			
Alimentação	1,4			
Outros serviços prestados às famílias	-1,8			
Serviços de informação e comunicação	5,5	1,9	0,5	-0,4
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,2			
Telecomunicações	0,4			
Serviços de Tecnologia da Informação	12,2			
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	0,3			
Serviços profissionais administrativos e complementares	2,6	-3,7	-2,0	3,0
Serviços técnico-profissionais	3,9			
Serviços administrativos e complementares	1,6			
Aluguéis não imobiliários	-0,2			
Serviços de apoio às atividades empresariais	2,2			
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,3	6,8	2,1	-3,7
Transporte terrestre	1,4			
Rodoviário de cargas	2,0			
Rodoviário de passageiros	-0,2			
Outros segmentos do transporte terrestre	1,6			
Transporte aquaviário	-0,4			
Transporte aéreo	15,6			
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,4			
Outros serviços	-0,5	19,6	0,2	5,7
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	1,3			
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-0,7			
Atividades imobiliárias	-0,6			
Outros serviços não especificados anteriormente	-2,3			
Total	2,8	3,0	0,3	-1,1

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a dezembro /2025 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

No ano de 2025, o comércio varejista brasileiro registrou crescimento de 1,6%, evidenciando um crescimento moderado do consumo. No recorte regional, o Ceará destacou-se com crescimento de 3,3%, seguido por Bahia (2,7%) e Pernambuco (2,1%), indicando que estados do Nordeste apresentaram desempenho superior à média nacional.

Entre os segmentos de melhor desempenho no Brasil, destacam-se artigos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos (+4,5%), móveis e eletrodomésticos (+4,5%) - impulsionados sobretudo pela alta de 7,5% em eletrodomésticos - e equipamentos de informática e comunicação (+4,1%). O setor de tecidos, vestuário e calçados também apresentou crescimento de 1,3%. No Ceará, merecem destaque combustíveis e lubrificantes (+8,0%), artigos farmacêuticos e de perfumaria (+9,8%) e outros artigos de uso pessoal e doméstico (+6,8%), segmentos que impulsionaram o resultado favorável do estado.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até dezembro de 2025⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,6	3,3	2,1	2,7
Combustíveis e lubrificantes	0,6	8,0	-3,6	2,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,8	0,7	1,8	2,2
Hipermercados e supermercados	1,1	0,8	0,8	3,9
Tecidos, vestuário e calçados	1,3	5,2	0,1	-3,5
Móveis e eletrodomésticos	4,5	0,0	10,2	3,5
Móveis	-4,3	-0,1	0,3	-2,0
Eletrodomésticos	7,5	1,6	13,2	8,9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	4,5	9,8	-0,9	8,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-0,9	-1,1	1,2	-17,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	4,1	-12,6	-3,7	28,3
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,2	6,8	8,2	-0,1
Comércio varejista ampliado	0,1	4,2	1,0	0,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	-2,9	5,4	-2,9	5,0
Material de construção	-0,2	1,2	0,6	-1,2
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-2,3	8,6	2,9	-13,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a dezembro /2025 (Base: igual período do ano anterior).

Por outro lado, alguns setores continuaram apresentando resultados negativos. O segmento de veículos, motocicletas e peças registrou retração de 2,9% no Brasil, embora no Ceará tenha apresentado crescimento de 5,4%. Livros, jornais e papelaria recuaram 0,9% nacionalmente, resultado que pode estar associado à mudança no comportamento do consumidor, com maior adesão ao consumo de conteúdos digitais em detrimento de produtos impressos. O comércio varejista ampliado, que inclui veículos e materiais de construção, cresceu apenas 0,1% no Brasil, mas registrou avanço expressivo de 4,2% no Ceará.

De forma geral, os dados indicam que o comércio teve desempenho moderado em 2025, com sinais de avanços impulsionados por fatores como a geração de empregos ao longo do ano, o pagamento do décimo terceiro salário e os eventos sazonais de consumo no segundo semestre. Mesmo com juros ainda relativamente elevados, o aumento da renda e a confiança do consumidor contribuíram para sustentar as vendas.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

No panorama nacional, o Brasil encerrou o acumulado de 2025 com saldo positivo expressivo de 1.270,6 mil novos postos de trabalho, resultado de 26,6 milhões de admissões frente a 25,3 milhões de desligamentos, o que representa variação de 2,7%, quando comparado com o ano de 2024. Como esperado em séries com ajuste sazonal, o mês de dezembro apresentou forte retração, com saldo negativo de 629,8 mil vagas (-1,28%), refletindo o término de contratos temporários. A recuperação iniciou-se prontamente em janeiro de 2026, com o país voltando a registrar saldo positivo de 112,3 mil postos (+0,2%).

A região Nordeste apresentou desempenho proporcionalmente superior à média nacional no acumulado de 2025, registrando crescimento de 4,4%, com saldo de 348,1 mil vagas. O ponto alto para a região ocorreu em setembro, com a criação de 73,6 mil postos (+0,90%). Diferentemente do comportamento médio do país, o Nordeste sentiu de forma menos intensa o impacto do desaquecimento sazonal de dezembro (-0,74%) e manteve-se em terreno positivo em janeiro de 2026, embora de forma tímida, com saldo de 6,1 mil vagas.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - janeiro/2025 a janeiro /2026 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
jan-25	2.316,7	2.162,3	154,4	0,33	313,4	307,7	5,8	0,07	54,8	55,03	-0,3	-0,02
fev-25	2.615,2	2.175,4	439,8	0,93	344,8	301,9	42,8	0,54	61,1	54,4	6,7	0,48
mar-25	2.259,8	2.181,0	78,8	0,16	288,7	298,8	-10,1	-0,13	48,5	51,1	-2,7	-0,19
abr-25	2.323,1	2.085,8	237,3	0,50	323,8	278,3	45,5	0,57	57,0	48,1	8,9	0,63
mai-25	2.281,6	2.129,3	152,3	0,32	329,4	280,9	48,5	0,60	56,8	51,1	5,7	0,4
jun-25	2.167,6	2.006,2	161,4	0,33	301,6	266,2	35,4	0,44	56,7	49,4	7,3	0,51
jul-25	2.269,6	2.135,7	133,9	0,28	326,6	285,9	40,7	0,50	61,2	53,6	7,6	0,53
ago-25	2.260,8	2.109,9	150,9	0,31	343,1	286,8	56,3	0,69	61,5	54,5	7,0	0,48
Set-25	2.305,2	2.091,4	213,8	0,44	352,5	278,9	73,6	0,90	63,2	52,7	10,4	0,72
out-25	2.293,3	2.199,4	93,9	0,19	332,9	297,5	35,5	0,43	59,3	55,7	3,6	0,25
nov-25	1.993,2	1.909,3	83,8	0,17	289,9	254,3	35,6	0,43	51,5	45,9	5,6	0,38
dez-25	1.532,2	2.161,9	-629,8	-1,28	220,6	282,0	-61,4	-0,74	36,9	48,0	-11,0	-0,75
jan-26	2.208,0	2.095,7	112,3	0,2	297,7	291,6	6,1	0,1	52,7	54,0	-1,3	-0,1
Acum. do Ano	26.618,2	25.347,6	1.270,6	2,7	3.767,3	3.419,2	348,1	4,4	668,3	619,4	48,9	3,5
Acum. dos últimos 12 meses	26.509,5	25.281,0	1.228,5	2,6	3.751,6	3.403,1	348,5	4,4	666,3	618,4	47,9	3,4

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2025 e 2026. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

No recorte estadual, o Ceará acompanhou a tendência regional de crescimento, encerrando 2025 com saldo positivo de 48,9 mil postos, o que representa variação de 3,5%, quando comparado com o ano de 2024. O estado demonstrou forte dinamismo em setembro, mês de maior saldo absoluto (10,4 mil vagas). Entretanto, o início de 2026 apresentou desafio específico para o mercado cearense: ao contrário do Brasil e do Nordeste, o Ceará registrou saldo ligeiramente negativo de 1,3 mil vagas (-0,09%) em janeiro. Esse movimento indica um ritmo de reaquecimento local mais lento, com os desligamentos (54,0 mil) superando levemente as admissões (52,7 mil) nesse primeiro mês do ano.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Os dados mais recentes do comércio exterior indicam que, em fevereiro de 2026, o Brasil registrou superávit de US\$ 4,2 bilhões, resultado de exportações de US\$ 26,3 bilhões e importações de US\$ 22,1 bilhões. Na comparação com fevereiro de 2025, as exportações avançaram 15,6%, enquanto as importações recuaram 4,8%, o que levou a uma melhora expressiva do saldo comercial no mês. No acumulado do ano até fevereiro, o país somou US\$ 50,9 bilhões em exportações e US\$ 42,9 bilhões em importações, com superávit de US\$ 8,0 bilhões. Nos 12 meses encerrados em fevereiro de 2026, as exportações brasileiras totalizaram US\$ 351,0 bilhões (+4,7%), as importações chegaram a US\$ 276,8 bilhões (+2,4%), e a corrente de comércio atingiu US\$ 627,9 bilhões (+3,7%).

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Fevereiro de 2026	26.306,0	15,6	22.098,1	-4,8	4.207,9	-1.001,1	48.404,1	5,3
Acumulado do Ano	50.922,1	5,8	42.898,3	-7,3	8.023,8	329,0	93.820,4	-0,6
Acumulado 12 meses	351.048,4	4,7	276.824,9	2,4	74.223,4	14,7	627.873,3	3,7
Nordeste								
Fevereiro de 2026	1.500,2	-20,1	2.051,7	-1,0	-551,5	182,4	3.552,1	-10,1
Acumulado do Ano	2.954,5	-18,5	4.190,2	-10,3	-1.235,7	18,5	7.114,7	-13,9
Acumulado 12 meses	24.579,7	-3,0	26.689,9	-9,7	-2.110,2	-50,1	51.269,6	-6,6
Ceará								
Fevereiro de 2026	306,2	146,5	220,1	4,8	86,1	-200,4	526,3	57,5
Acumulado do Ano	459,2	102,6	391,0	-19,7	68,2	-126,2	850,2	19,1
Acumulado 12 meses	2.517,1	69,3	2.532,5	-17,5	-15,5	-99,0	5.049,6	10,8

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período do ano anterior e com o período imediatamente anterior, respectivamente.

No Nordeste, o quadro foi menos favorável. Em fevereiro de 2026, a região exportou US\$ 1,50 bilhão, com retração de 20,1%, e importou US\$ 2,05 bilhões, queda mais moderada de 1,0%, resultando em déficit de US\$ 551,5 milhões. No acumulado do ano, as exportações nordestinas somaram US\$ 2,95 bilhões (-18,5%), enquanto as importações alcançaram US\$ 4,19 bilhões (-10,3%), levando o déficit para US\$ 1,24 bilhão. Nos 12 meses acumulados, as exportações regionais totalizaram US\$ 24,6 bilhões (-3,0%), e as importações ficaram em US\$ 26,7 bilhões (-9,7%). Com isso, o Nordeste manteve déficit acumulado de US\$ 2,1 bilhões, enquanto a corrente comercial regional atingiu US\$ 51,3 bilhões (-6,6%), sinalizando perda de dinamismo nas trocas externas.

No contexto cearense, os dados evidenciam desempenho positivo. Em fevereiro de 2026, as exportações cearenses somaram US\$ 306,2 milhões, com forte expansão de 146,5%, enquanto as importações ficaram em US\$ 220,1 milhões (+4,8%). O resultado foi um superávit de US\$ 86,1 milhões no mês e uma corrente comercial de US\$ 526,3 milhões (+57,5%). No acumulado do ano, o estado exportou US\$ 459,2 milhões (+102,6%) e importou US\$ 391,0 milhões (-19,7%), gerando superávit de US\$ 68,2 milhões. Nos 12 meses encerrados em fevereiro de 2026, as exportações do Ceará alcançaram US\$ 2,52 bilhões (+69,3%), enquanto as importações totalizaram US\$ 2,53 bilhões (-17,5%). Embora o estado ainda registre leve déficit acumulado de US\$ 15,5 milhões nessa janela, houve melhora significativa do saldo, e a corrente comercial acumulada chegou a US\$ 5,05 bilhões (+10,8%).

Em síntese, os dados de fevereiro de 2026 revelam um cenário positivo para o comércio exterior brasileiro, com expansão das exportações, recuo das importações e fortalecimento do superávit comercial. No plano regional, o Nordeste apresentou desempenho mais fraco, com retração das exportações e manutenção do déficit. Já o Ceará destacou-se de forma especialmente favorável, com forte avanço das vendas externas, reversão do saldo no curto prazo e expansão da corrente de comércio, consolidando-se como um importante vetor de dinamismo dentro do cenário regional.

Bibliografia:

- BLANCHARD, O. J. **Macroeconomics**. 5. ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2009.
- BLANCHARD, O. J.; QUAH, D. The dynamic effects of aggregate demand and supply disturbances. **The American Economic Review**, v. 79, n. 4, p. 655-673, 1989.
- ELLERY JUNIOR, R. G. Flutuações de produto e emprego no Brasil: uma análise de componentes não observados. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 39, n. 1, p. 1-32, 2009.
- FRIEDMAN, M. The role of monetary policy. **The American Economic Review**, v. 58, n. 1, p. 1-17, 1968.
- GALÍ, J. How well does the IS-LM model fit postwar U.S. data? **The Quarterly Journal of Economics**, v. 107, n. 2, p. 709-738, 1992.
- ISSLER, J. V.; VAHID, F. Common cycles and the importance of transitory shocks to macroeconomic aggregates. **Journal of Monetary Economics**, v. 47, n. 3, p. 547-565, 2001.
- KING, R. G.; PLOSSER, C. I.; STOCK, J. H.; WATSON, M. W. Stochastic trends and economic fluctuations. **The American Economic Review**, v. 81, n. 4, p. 819-840, 1991.
- LUCAS, R. E. Expectations and the neutrality of money. **Journal of Economic Theory**, v. 4, n. 2, p. 103-124, 1972.
- ROMER, D. **Advanced macroeconomics**. 4. ed. New York: McGraw-Hill, 2012.
- ROMER, P. M. Endogenous technological change. **Journal of Political Economy**, v. 98, n. 5, p. 71-102, 1990.
- SOLOW, R. M. A contribution to the theory of economic growth. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 70, n. 1, p. 65-94, 1956.

Autores:

André Oliveira Nogueira
Bruno Serra Batista Moreno
Caio Rocha Antunes Silveira
Caua Souza da Cunha Teófilo
Cauã Mendes Carvalho
Daniel Antônio Mello de Assis
Daniel Bezerra da Costa
Daniel Santiago Mourão Filho
Danilo Pinheiro Aires
Davi Campos Sobral
Estevao Leandro da Costa
Filipe Studart Norões Costa
Gabriel Gomes Teixeira
Giselly Leocadio da Silva
Jaize da Costa Candido
João Guilherme Ferreira Holanda
Julio Cesar Freire Barreto Lima
Mariana Cristina Amorim Campos de Olivei
Moacir Goncalves Junior
Pedro Corrêa de Castro
Raquel Sousa Silva
Sarah Kelly Cavalcante Martins
Zion Jose Aguiar Lopes

